



EMBAP

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIC

DEPARTAMENTO DE PINTURA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Fábio Jabur de Noronha

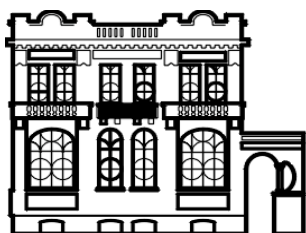
COORDENADORA: Prof^a Me. Paula Rigo Tramuja

PESQUISA FINANCIADA COM RECURSOS DA FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA

ALUNA: Gislaine Pagotto

Inserções momentâneas

Curitiba, 27 de Agosto de 2013



EMBAP

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIC

DEPARTAMENTO DE PINTURA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Fábio Jabur de Noronha

COORDENADORA: Prof^a Me. Paula Rigo Tramuja

PESQUISA FINANCIADA COM RECURSOS DA FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA

ALUNA: Gislaine Pagotto

Inserções momentâneas

Relatório contendo os resultados finais do projeto de iniciação científica vinculado ao Programa PIC-Embap

Curitiba, 27 de Agosto de 2013



Resumo

Inserções momentâneas possibilitou a realização de um vídeo: *Minha mãe mandou eu escolher este DAqui!* e reflexões sobre esse processo nesta pesquisa em Poéticas Visuais, contendo os resultados finais do projeto de iniciação científica vinculado ao Programa PIC-Embap. Pretendo desenvolver uma poética capaz de problematizar o tema da sexualidade, mediada por meios de comunicação de mídia e influenciada por uma sociedade específica: a minha. Os artifícios da proposição artística desenvolvida encontram-se disponíveis no roteiro da narrativa. Percorro caminhos familiares, do cotidiano, em busca de detalhes nessas paisagens e me “aproprio” das naturezas que me são dadas, reinventando-as através de uma câmera digital e alguns *softwares* de edição. Jardins que têm me proporcionado ótimas experiências/encontros e desdobramentos para esta pesquisa. Reflito sobre o tema da sexualidade, *corpo*, *gesto*, vídeo, tecnologia, as novas mídias e dados/argumentos da proposição a partir da minha inserção na sociedade.

Palavras-chave: Vídeo. Sexualidade. *Corpo*. *Gesto*. Lugar. Jardins.



Sumário

1) Inserções momentâneas.....	05
1.1) Introdução.....	05
1.2) Objetivos.....	08
1.2.1) Objetivo geral.....	08
1.2.2) Objetivos específicos.....	08
1.3) Desenvolvimento (Materiais e Métodos).....	09
1.4) Resultados e Discussão.....	10
1.5) Conclusões.....	24
2) Referências Bibliográficas.....	25
2.1) Livros/artigos citados.....	25
2.2) Livros/artigos consultados.....	25
2.3) Sites.....	27
2.4) Vídeos.....	28
2.5) Tv.....	28
3) Anexos A e B.....	29

1) Inserções momentâneas

1.1) Introdução

Inicialmente, para este projeto de iniciação científica, eu pretendia a realização de um vídeo que tinha como referência principal o trabalho intitulado “Quadrado”¹ (ou “Kwadrat”), do artista Zbigniew Rybczynski, datado de 1972. O vídeo apresenta vários quadrados que se relacionam entre si a partir de uma composição que lida com as relações entre cor, som, fotografia e animação. Assisti o vídeo de Rybczynski no ano de 2010 e, devido ao meu interesse com a arte em movimento, realizei um projeto de vídeoinstalação como trabalho de conclusão do curso Superior de Pintura da EMBAP, no ano de 2011: *Bem me quer, Mal me quer*. Durante este processo, estudei algumas questões formais como: simetria, cor, luz, como também conteúdos teóricos e textos de artistas do campo do vídeo, fotografia e cinema. Na ocasião da exposição dos formandos do curso (abril de 2012), apresentei apenas um fragmento do trabalho (um dos vídeos) mediado por um monitor de 32” e um aparelho de DVD. A proposição, carregada de significados, anuncia indícios de um *corpo* construído como “aparelho” de prazer envolto a fetiches e “normas” clássicas de sedução, mas com uma certa ironia. Os *gestos* do meu *corpo* tampouco foram feitos com a sedução de movimentos circulares e envolventes. Apenas travestida com roupas culturalmente sedutoras, exerci a função de tirar e pôr as roupas num movimento frio e calculista. Através da edição é que possibilitei outros movimentos para aquele *corpo*, ironizando esses padrões. A *performance*, o vídeo e a televisão dialogando com a sexualidade. Mas sua narrativa contava com um processo de trabalho que estava muito mais relacionado aos efeitos visuais do próprio equipamento utilizado na captação das imagens (câmera interna do computador). Um *corpo* humano que se movimenta numa espécie de *performance* intermediada por dispositivos que, num primeiro momento, era a câmera filmadora e, num segundo momento, o monitor que expôs tal ação.

Como *Inserções momentâneas* nasceu de um desejo de aprofundar noções sobre o vídeo num momento em que me encontrava “diante” da história da arte, através do curso de especialização em *História da Arte Moderna e Contemporânea* pela EMBAP (iniciado no ano de 2012), e afinava meu tema/foco do trabalho monográfico como requisito parcial para o curso em questão, *O gesto através de imagens em movimento: a sexualidade em*

¹ Disponível no YOUTUBE: < <http://www.youtube.com/watch?v=5TZwQVgyM7c> >. Acesso em: 04 ago. 2013.

*Pepperminta*², deparei-me com inúmeras imagens – algumas das quais eu nunca havia tido contato, outras sim – que me instigavam dentro de um contexto específico: em primeiro lugar a arte e, em segundo lugar, meu processo artístico que também está inserido num contexto (artes visuais, arte contemporânea, com especificações em imagens em movimento e cultura de mídia, meu ateliê/casa está localizado na cidade de Curitiba, Paraná, Brasil). Percebi, nessas imagens que buscam compreender a arte moderna e contemporânea (mediadas por um projetor e/ou uma tela de computador), potencialidades que influenciariam minha produção artística. De tal modo que eu seria a soma de tudo aquilo que vejo, escuto, sinto consciente ou inconscientemente. Tendia a procurar relações reflexivas entre aquelas imagens e meu lugar³ no mundo enquanto artista e estudiosa das artes. Minha proposta inicial de vídeo, assim, era desenvolver uma justaposição das imagens citadas⁴ + imagens de trabalho meus + referências anteriores à pós-graduação sobre meu *corpo*. Mas, além disso, a ideia era produzir imagens, como aquelas meio “televisivas” que a artista Pipilotti Rist apresenta em *Pepperminta*, como céus multicoloridos e neons. Este projeto contava, sobretudo, com a realização de um vídeo, considerando suas atuais condições técnicas de realização (explorando diversas possibilidades gráficas) no intuito de refletir sobre o *corpo*, seu lugar na contemporaneidade e sua relevância para se pensar sobre o *gesto* na arte.

Num interesse voltado para uma discussão mais pertinente à linguagem videográfica (animação, “abuso” de cor, *stop motion* etc.), percebi que eu estava mais próxima de Rist do que daquelas imagens dos módulos de 2012 – que era a ideia inicial do PIC. Assistir repetidamente *Pepperminta* anunciou diferentes direções (produção, captura de imagens, pós-produção⁵) para o vídeo que propus. Nele o movimento se dá mais a partir da câmera, com uma boa resolução de imagens (Canon T1i), do que dos elementos em si, percorrendo caminhos familiares (jardim do meu prédio, da praça a aproximadamente sete quadras de casa, frutaria vizinha, do “quintal” da construção do edifício da esquina de cima etc.) numa busca de sutilezas, recortes, deixando em aberto o espaço restante, com exceção da última cena que é como se buscasse trazer de volta a noção de realidade: um olhar que deixa de buscar detalhes para compreender a totalidade ou grande parte de um lugar.

² Sob orientação também do prof. Dr. Fábio Jabur de Noronha. *Pepperminta* é o título do primeiro longametrage da artista Pipilotti Rist. *Pepperminta* em itálico será utilizado para referir-me ao longametrage que herda o nome de sua protagonista.

³ As palavras em itálico e grifadas no texto remetem à noção de lugar que utilizo no meu discurso, atribuindo à palavra um contexto e um tempo específicos.

⁴ Fotografias e vídeos, de domínio público, de trabalhos artísticos diversos, sobretudo, trabalhos emergentes na história da arte à partir do modernismo.

⁵ Me refiro a algumas das possibilidades de edição de imagens e som.

Lugar enquanto território específico que possibilita o mínimo de reconhecimento geográfico através do horizonte. As condições climáticas do tempo e a luminosidade das paisagens, tornam as figuras discerníveis. Através de algumas considerações de Michel Foucault (em *História da sexualidade*), reflexões sobre vídeo (*Pepperminta*, de Pipilotti Rist) e alguns textos sobre arte contemporânea, as novas mídias e questões de gênero, pretendo refletir sobre a sexualidade, mediada por meios de comunicação de mídia e influenciada por uma sociedade específica: a minha. O resultado deste processo de pesquisa se chama *Minha mãe mandou eu escolher este DAqui!*:



Gislaine Pagotto
Minha mãe mandou eu escolher este DAqui!
 Vídeo, col., som, 1'21"
 2013⁶

Neste lugar que me coloco entre a natureza das coisas e as coisas ditas “naturais”, proponho uma reflexão sobre a sexualidade. Somos envolvidos constantemente entre artifícios sociais, através de instituições como a família, a escola, o Estado, a igreja, que direcionam essas experimentações e inibem explorações espontâneas do próprio *corpo*, e a sexualidade é um desses instrumentos de poder, de acordo com Michel Foucault⁷.

⁶ Disponível no Vimeo: < <http://vimeo.com/user18579625/minha-mae-mandou-eu-escolher-este-daqui> >. Acesso em: 08 ago. 2013.

⁷ In: **História da sexualidade I**, 1988.

Por meio de fotografias e vídeos, proponho uma sinestesia através de texturas, sons e sugestões de sabores e cheiros diante do jardim do meu prédio, da praça e meu caminho entre eles. Mais que isso (ou apenas isso): coisas – *corpos* em geral – que respiram; a cada instante são outras. De acordo com Anne Cauquelin⁸, o jardim é uma “paisagem natural” como “produto de um artifício laborioso”. Os artifícios da imagem, quer sejam lidos de maneira simbólica, etimológica ou alegórica (no sentido contemporâneo da palavra, de acordo com Craig Owens⁹), são também fetiches de um *lugar* comum, mas a escolha do tratamento e edição das imagens oferecem dados que pretendem desdobrar em outros sentidos.

1.2) Objetivos

1.2.1) Objetivo geral

Desenvolver, a partir de *Minha mãe mandou eu escolher este DAqui!*, uma poética que dê conta de problematizar o tema da sexualidade, mediada por meios de comunicação de mídia e influenciada por uma sociedade específica: a minha.

1.2.2) Objetivos específicos

- Investigar *softwares* que possibilitam construção e edição de imagens;
- fazer uma reflexão sobre o tema da sexualidade;
- compartilhar experiências, explorando brevemente poucos trechos de Foucault em *História da sexualidade*, Pipilotti Rist em *Pepperminta* e três outros textos sobre a arte na década 1960;
- oferecer relações sinestésicas de *gestos* através do vídeo em questão, investigando qual sua relação com o social.

⁸ CAUQUELIN, 2007, p. 11.

⁹ OWENS, Craig. O impulso alegórico: sobre uma teoria do pós-modernismo. In: **Arte & Ensaios** - Revista do Programa de Pós-Graduação em artes visuais EBA - UFRJ, 2004, p. 115-125.

1.3) Desenvolvimento (Materiais e Métodos)

No primeiro semestre da pesquisa, investiguei alguns *softwares* de edição e construção de imagens afim de estreitar minhas relações com as ferramentas digitais, tais como: *Photoshop*, *Corel Draw*, *iMovie*, *Flash* e *Premiere*. Houveram também pesquisas e estudos através de tutoriais e *sites* de pesquisa. Como experimentações foram realizados:

- um convite fictício para o “VII Varal de Poesias da Fafpar” – cujo logotipo foi efetivamente encomendado para mim e utilizado nas divulgações do evento (impressos e digitais), assim como certificados e possíveis outros documentos –, através do *Photoshop CS5*, sob orientação da professora Me. Paula Rigo Tramujas. Logotipo disponível em: <http://varaldepoesiasfafipar.blogspot.com.br/>
- uma animação intitulada “A flecha neon”, desenvolvida a partir de uma fotografia digital através de exercícios básicos com o *Flash*, o *Photoshop CS5* e o *iMovie*, sob orientação da professora Me. Paula Rigo Tramujas. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=tgSPlyTb-4w>
- um curta com duração de 1 (um) minuto e 18 (dezoito) segundos sob o título: “Oh Céus”, realizado a partir de explorações práticas de equipamentos tais como duas câmeras filmadoras digitais (uma Canon DC95 e outra Sony) e uma câmera digital fotográfica. As imagens foram captadas pelos artistas e colegas de faculdade do segundo ano do curso Superior de Escultura da EMBAP de 2012: Reinaldo Fabianovicz, Valdecimples e eu. A edição – ou pós-produção – foi realizada individualmente por mim através do *Premiere*, sob orientação também da professora Me. Paula Rigo Tramujas.
- um convite para a exposição “Das coisas que esquecemos de lembrar”, minha e da artista Roberta Stubs, a partir de fotografias digitais e recursos do *Photoshop CS5*, com acompanhamento parcial dos orientadores Fábio Jabur de Noronha e Paula Rigo Tramujas, assim também como dos envolvidos com o evento. Disponível em: <http://lixoinprocess.blogspot.com.br/2012/11/das-coisas-que-esquecemos-de-esquecer.html>

Esses trabalhos citados serviram como ponto de partida para o vídeo pretendido, pois a partir das minhas experiências com certos dispositivos, aparelhos e programas, foi possível compreender de que maneira seria possível aplicar tais conhecimentos à *Inserções momentâneas*.

Para o desenvolvimento do vídeo, captei imagens com uma câmera fotográfica (*Canon T1i*), seleção e apropriação de sons através da internet e edição de imagens e som (*Photoshop CS5*, *iMovie* e *Premiere CS5*). A pesquisa foi realizada também através de referências teóricas e textos de artistas (através de livros e plataforma digital) e leituras de imagem com base em referenciais teóricos. As principais referências pesquisadas foram aquelas que apresentam uma abordagem direcionada à sexualidade, à arte contemporânea e aos meios de comunicação de mídia, destacando-se Michel Foucault, Pipilotti Rist, Marshall McLuhan e Edmond Couchot.

1.4) Resultados e Discussão

A atuação da sexualidade é modificada na história da humanidade diante de seu contexto de *lugar*. A cada época, uma diferente maneira de entender o *corpo* como “aparelho” de poder e prazer. A história da sexualidade, relacionada aos conselhos de uma sociedade, estabelece e reestabelece padrões pelas relações de poder institucionalizadas e internalizadas. Vemos a televisão hoje, por exemplo, como uma das mídias institucionalizadas mais acessíveis, seduzir o espectador através de imagens e seus significantes (como o corpo humano). Na arte, devido aos contextos históricos, artistas mulheres se posicionaram com mais força a respeito da sexualidade a partir da segunda metade do século XX, através dos novos meios. Pipilotti Rist é uma das artistas que se encontram nesse contexto, explorando em suas imagens videográficas um cenário *pop* cultural (que por si só já carrega uma série de discursos sobre o mercado e a cultura de massa). A artista reflete sobre: a televisão (ou outros meios de comunicação de mídia) – seus padrões estabelecidos e seu conteúdo que afeta o leitor através de seus sentidos e sonhos – e sobre a pintura. Rist descontextualiza o *papel* do corpo humano e apresenta um *gesto*, questionando nossa percepção comum acerca da sexualidade e especificações dos gêneros. A noção de *gesto*¹⁰ no meu texto refere-se ao *corpo*

¹⁰ Tentativa de formular essa noção de *gesto*.

enquanto discurso a partir de movimentos relacionais com outros *corpos*¹¹, seja a partir dos sentidos (toque, olhar, cheiro...), da pronúncia da palavra, da *performance* ou qualquer movimento; e a palavra *lugar* utilizo pensando num cenário específico para as coisas. Compreendo que o *lugar* de cada *corpo/gesto* é caracterizado pela soma de suas relações sociais num tempo “X”. Sejam elas mediadas por quaisquer relação de poder, são naturalizadas em algum momento ou outro de sua instância.

Foucault¹² associa o tema/assunto da sexualidade como algo ditado por relações de poder, através de instituições, a partir de um contexto social. O autor afirma¹³ que a sexualidade não é reprimida por instituições como a escola, a Igreja, a família, o consultório médico etc., pois elas seriam as grandes responsáveis por sua manifestação. De acordo com Foucault¹⁴, as práticas sexuais periféricas, que são aquelas que hoje em dia conhecemos como práticas pecaminosas, doentias e assim por diante, não eram “secretas”. No “século XVII [...], tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade”. Após o Concílio de Trento e a Contra-Reforma nos países católicos, com a importância dada à confissão anual que considera todas as insinuações da carne como pecado (inclusive pensamentos, desejos e imaginações), o assunto em questão foi se tornando cada vez mais censurado, apesar de ser submetido a um discurso verbal para análise e julgamento, através da confissão. Mas isso é “censura sobre o sexo? Pelo contrário, constitui-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia [...]. Essencialmente, por um ‘interesse público’”¹⁵. No século XVIII, com o surgimento da “população”, nasce um interesse político, econômico e técnico a falar do sexo para além da moral, a partir da racionalidade, passando a ser administrado e não apenas julgado¹⁶. Isso não significa que se fala menos sobre o sexo, mas fala de uma outra maneira, por outras pessoas, sob outras perspectivas e para outras finalidades. A partir do século XVIII e século XIX, o tema da sexualidade passa a ser bastante difundido através da medicina, psiquiatria e etc. Ou seja, percebe-se uma multiplicidade de discursos com uma série de mecanismos relativos a cada instituição. Além disso, “o que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele

¹¹ Há corpos ativos que direcionam uma ação específica; corpos passivos que reagem a essas ações; e corpos imparciais, ou seja, que não reagem mas que afirmam alguma parcialidade ideológica, como os elementos cênicos das imagens (cenário, figurino, iluminação) e, neste caso, a edição (os efeitos e apresentação das imagens em movimento).

¹² In: **História da sexualidade I**, 1988.

¹³ Mesma referência da nota anterior.

¹⁴ *Id.*, p. 9.

¹⁵ *Id.*, p. 29.

¹⁶ “Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo” (*Id.*, p. 32).

sempre, valorizando-o como *o segredo*”¹⁷. Mas apesar de tudo, a partir do século XIX e XX, a sexualidade é marcada por suas heterogeneidades, uma proliferação das “perversões”¹⁸. Pois, as perversões seriam então, a partir de seu isolamento, intensificação e consolidação, “relações de poder com o sexo e o prazer” que “se ramificam e multiplicam”¹⁹. Seria essa proliferação um indício de encorajamento?

Pipilotti Rist é conhecida por questionar o papel da cultura de mídia a partir de uma perspectiva feminista²⁰ – situação que demonstra sua preocupação em apresentar a mulher como um sujeito – e como os formatos de mídia e meios de comunicação apresentam imagens sedutoras capazes de afetar nossa inconsciência, sonhos e desejos. Muitas vezes a artista pede-nos a pensar para além da lei através de situações que destoam da realidade. Ela desafia nossa percepção do corpo humano e modelos estabelecidos, inventando novos rituais e regras que visam o desenvolvimento alternativo da mente e dos sentidos. Em *Pepperminta*, as imagens são uma explosão de cores justapostas, cenas sobrepostas, efeitos audiovisuais e objetos “falantes”²¹.



Pepperminta (Pipilotti Rist) – Frame do vídeo

¹⁷ *Id.*, p. 42.

¹⁸ “O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico, e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer *não* a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travestí-lo” (*Id.*, p. 52-53).

¹⁹ *Id.*, p. 56.

²⁰ HAUSER & WIRTH: < <http://www.hauserwirth.com/exhibitions/47/pipilotti-rist-london/view/> >. Acesso em: 6 out. 2012.

²¹ Os objetos/corpos gesticulam. A avó de *Pepperminta* é uma maçã metálica que abre ao meio como se fosse um tipo de caixinha de joias que toca música ao abri-la. Ela tem um olho dentro que gira ao ser aberta, fala e desprende várias bolinhas rosas transparentes que se desmancham no ar. Os morangos, como seus animais de estimação, também são um exemplo disso.

Pepperminta é o título do primeiro longametragem de Pipilotti Rist lançado em 2009, com duração de uma hora e vinte minutos²². *Pepperminta* é o nome também da personagem protagonista do vídeo que se descreve como “anarquista da imaginação” e aparece como uma jovem mulher (Ewelina Guzik) e como menina, vivendo por suas próprias regras. Seus melhores amigos são as cores, seus animais de estimação são morangos e *Villa Kunterbunt* é a casa futurística com as cores do arco-íris²³ onde *Pepperminta* vive, mas o mundo que ela parece almejar é cor de rosa. Wernen (Sven Pippig) e Edna (Sabine Timoteo) acompanham a jovem em sua apaixonada missão. Leopoldina e o cozinheiro se juntam ao grupo. Cada um com seus medos e todos lutando por um mesmo ideal: acabar com os medos do mundo virando-o de cabeça para baixo e usufruindo das receitas fantásticas que *Pepperminta* herdou de sua avó. Em seu discurso, o medo de contrariar as regras é atribuído à infelicidade, à falta de graça pela vida, à vida sem cor. Como o objetivo de *Pepperminta* é livrar as pessoas de seus medos inúteis e mostrar-lhes novas maneiras de olhar para o mundo com cores, ela vai se especializando em contrariar as regras e cometer pecados. Um verdadeiro *Jardim do Éden*²⁴.

Sobre *o corpo e seus lugares na arte contemporânea*²⁵, apresento uma reflexão sobre o medo a partir de três textos sobre a década de 1960: *O ensino da arte conceitual*, de Charles Harrison (2003), *A nova arte*, de Alan Solomon (1963) e *A arte contemporânea e a situação do seu público*, escrito por Leo Steinberg (1960). Em primeiro lugar: porque os textos tratam de um momento em que a arte rompe com várias tradições de uma maneira incisiva, criando novas regras e propondo “desvios”; em segundo lugar: pelo fato dessas “modernizações” no contexto histórico da arte estarem associadas à uma necessidade de coragem para fazer, ver e para participar – como diz Leo Steinberg²⁶ se referindo ao *Alvo com quatro faces*, de Jasper Johns: “o valor que eu atribuir a esta pintura será a medida da minha coragem”; e, em terceiro lugar: porque a arte contemporânea parece servir mesmo não para ser conservada como investimento ou segurança para o futuro²⁷, interferindo na tranquilidade das pessoas.

Ao sentir medo, uma das maneiras de “cura”, é passar por um “processo de

²² Formato: 35 mm, 24fps, 1:1,85, Colorido, Dolby Digital / Length: 80 Min. Língua original Alemão. In < <http://www.the-match-factory.com/films/items/pepperminta.html> >. Acesso em: 15 nov. 2012.

²³ Que parece ter tanto uma conotação infantilizada do arco-íris (um mundo mágico a partir da imaginação), quanto uma representação da homossexualidade, o que neste caso acredito ser mais considerável.

²⁴ O homem passa a conhecer o bem e o mau ao comer o fruto proibido – a maçã – e por isso é expulso do paraíso. De onde surge a ideia de pecado, culpa e castigo.

²⁵ Título do trabalho apresentado ao módulo *Arte Contemporânea*, ministrado pela prof. Dra. Stephanie Dahn Batista, como requisito parcial para obtenção do título de especialista do curso de História da Arte Moderna e Contemporânea da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP).

²⁶ STEINBERG, 1986, p. 259-260.

²⁷ *Id.*, p. 262.

reestruturação cognitiva em que ocorre uma re-aprendizagem, ou ressignificação, da reação que anteriormente gerava a resposta de alerta no organismo para uma reação mais equilibrada”²⁸. O medo atua também como um “aliado, protegendo-nos e funcionando como um sinalizador para precaução contra perigos reais”²⁹, preparando o indivíduo para lutar ou fugir. De qualquer modo, o medo “é resultante de uma ameaça à rotina da existência”³⁰, demonstrado através do *corpo*.

No *O ensino da arte conceitual*, Charles Harrison apresenta a situação das escolas de arte no final dos anos 1960 como instituições resistentes à: novas maneiras de *refletir* sobre a arte e à “audácia” da *arte conceitual*, demonstrada a partir das práticas artísticas e seus desdobramentos – o *gesto* de estudantes e professores. Antes disso, em 1963, Alan Solomon discorre sobre como os “novos artistas” desestruturaram a comodidade que a sociedade sentia, de modo geral, em relação à arte e seus discursos, a partir das *explorações dos sentidos, sem intenção filosófica programada*³¹, ainda que nesse momento eles (os “novos artistas”) estavam com os sentimentos afetados pelas atrocidades recentes à época³² – o *gesto* dos artistas. Steinberg reflete sobre a *arte contemporânea* e sobre que *público* é esse que interage diretamente com os objetos artísticos de maneira sensorial; a condição ativa desse público; a *liquidez do tempo* e a não durabilidade desses objetos, considerando que “a colheita cotidiana é um ato de fé”³³ – o *gesto* do público.

Desse modo, o público – definido por Steinberg – participa ativamente de proposições artísticas (eu o entendo como um sujeito que experimenta suas próprias incertezas diante das instabilidades das coisas e de sua durabilidade a partir de percepções possibilitadas pelos argumentos/artifícios oferecidos). Os objetos artísticos temáticos apresentam-se como artifícios disponibilizados pelos artistas. O artista, então, enquanto propositor de novas experiências, partilha de inusitados olhares e sentidos diante de uma realidade psicológica profunda³⁴. Solomon diz³⁵: “à estranheza das associações dos artistas [...] à luz de suas possibilidades de enriquecimento e elaboração”. Além de *objetos/corpos* criados pelo artista e/ou apropriados por ele, tanto o *corpo* do artista quanto o *corpo* do espectador passam a ser um meio com dados de leituras visuais filosóficas e formais. E como esses “novos artistas”

²⁸ Centro de Psicologia Especializado em Medos (CPEM): site de instituição de consultório médico – psicologia < <http://www.medos.com.br/medos-e-fobias/> >. Acesso em: 15 mai. 2013.

²⁹ Encontra-se na mesma fonte da nota anterior.

³⁰ *Idem* à nota 28.

³¹ SOLOMON, 1986, p. 227.

³² Contexto: Estados Unidos.

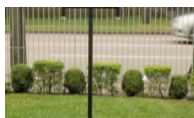
³³ STEINBERG, 1986, p. 262.

³⁴ *Id.*, p. 232.

³⁵ *Idem* à nota anterior.

propõem “obras de arte” como experiências e “viram o mundo de cabeça para baixo” (como *Pepperminta*), sugerem, conseqüentemente, uma resignificação das instituições de poder, como o museu, por exemplo.

É notável que vem havendo uma participação cada vez mais ativa da sociedade de maneira geral, e mais estímulos para a liberação da emissão, como a *cibercultura*, por exemplo, favorecendo a aceitação das diferenças e da perda de controle das permanências do “estado das coisas”. Os *gestos* de estudantes, professores, artistas e públicos (assim como de outros “elencos” sociais) atuam hoje, cinquenta anos depois, diante dessa “rapidez cada vez mais rápida”, dessa simultaneidade, dessa liquidez. Mas este “novo” lugar que resignifica as ordens, dissolve as margens do poder dos grupos de uma sociedade?



Hoje em dia, muito se fala em liberdades de todos os tipos.





Percebemos facilmente que essa não é uma unanimidade. Basta nos lembrarmos quem é nosso atual presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, Sr. Marco Feliciano (racista, homofóbico e etc., que entre outras “naturezas”, aprovou uma lei chamada de “Cura Gay”³⁶). Por que está ocupando aquele *lugar*? Podemos supor que é por apoios políticos e seu *status* popular e poderoso enquanto pastor evangélico. Em entrevista num programa chamado homofobiaNÃO, da MTV, o artista Lobão diz assim: “Há pessoas que apresentam riscos iminentes para a liberdade de cada um” + “o ser humano costuma ter ódio daquilo que teme”³⁷. Apesar disso, muito se fala em aceitação das diferenças. Fatores que identificam *bullying* são julgados, leis são aprovadas para união estável de relacionamentos homossexuais, acontece periodicamente a “Marcha das Vadias”³⁸ que reivindica melhorias para com o olhar às mulheres. Acontecem inclusive manifestações contra o cargo ocupado pelo atual presidente da Comissão de Direitos Humanos³⁹ (manifestantes defendendo o

³⁶ Sobre Marco Feliciano no TERRA: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/acusado-de-homofobia-e-racismo-feliciano-semeia-polemicas-no-congresso,2f8de89a54bdd310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> >. Acesso em: 06 jun. 2013 + sobre a “Cura Gay” no GLOBO.COM: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/comissao-de-direitos-humanos-aprova-autorizacao-para-cura-gay.html> >. Acesso em: 06 jun. 2013.

³⁷ Fonte: CANAL 24: Debate MTV < homofobiaNÃO >. Acesso em: 18 mai. 2013, por volta das 14h.

³⁸ “Marcha das Vadias” realizada no Rio de Janeiro após visita do Papa ao Brasil em julho deste ano de 2013: GLOBO.COM < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/marcha-das-vadias-reune-mil-nas-praias-do-rio-e-vira-hit-em-rede-social.html> >. Acesso em: 28 jul. 2013.

³⁹ Imagens das manifestações contra Marco Feliciano: *GOOGLE IMAGES* < <http://www.google.com.br/search?q=manifestação+contra+marcos+feliciano&biw=1281&bih=680&tbn=isch&bo=u&source=univ&sa=X&ei=5h0ZUraHFora8wTJ6IDoCw&ved=0CCwQsAQ> >. Acesso em: 18 ago. 2013.

interesse das minorias; muito pouco veiculados na mídia). Todos lutando por um “*lugar ao sol*” ainda que hajam *lugares* controversos dentro de um mesmo grupo. Vimos há pouco uma multidão nacional (aparentemente uma maioria) tomar as ruas das cidades para lutar por nossos direitos⁴⁰ – sem nem sabemos ao certo quais são eles; não fomos educados para saber isso – devido ao aumento das passagens de ônibus, conquistando um resultado mínimo.



Ainda que a mulher contemporânea tenha espaço no mercado de trabalho e mostra os peitos para a sociedade, nós, mulheres, temos liberdade de andar num transporte coletivo sem sofrer violência sexual? Ou apenas teremos essa liberdade caso tenhamos um ônibus cor-de-rosa que afaste os agressores para “defender” nossa integridade física e moral?⁴¹



⁴⁰ Imagens das manifestações contra os aumentos das passagens de ônibus: *GOOGLE IMAGES* < <http://www.google.com.br/search?q=manifestação+contra+aumento+da+passagem&biw=1281&bih=680&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=iB4ZUoTyLpSw4AOmsYGQBA&sqi=2&ved=0CD4QsAQ> > Acesso em: 18 ago. 2013.

⁴¹ Sobre o projeto “ônibus cor-de-rosa” pela GLOBO.COM: < <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/05/vereador-de-curitiba-quer-onibus-cor-de-rosa-exclusivo-para-mulheres.html> >. Acesso em: 02 ago. 2013.

Sob o *start* de uma pesquisadora sobre gêneros, “o poder transformador do discurso feminista não se resume unicamente a reflexões sobre o feminino. Mais do que isso, ele é um espaço intelectual que desconstrói a discriminação e questiona relações de poder internalizadas e institucionalizadas”⁴².



Que caracteriza cada uma dessas instâncias? Que é “natural” neste caso e qual o papel dos meios de comunicação na proliferação de *gestos* que indicam sexualidade na atualidade? É notável que atualmente as propagandas midiáticas falam muito, além de sexo, sobre “eco”, preservação do meio ambiente, sustentabilidade, produtos orgânicos, importância das atividades físicas e assim por diante. Por outro lado, essa busca pelo corpo saudável, forte e pela vida eterna, que até então não era tão natural assim, passa a tornar-se um *status* necessário. Neste *palco* imagético social, político, econômico, religioso, contemporâneo, o vídeo (linguagem tradicional da televisão) influencia as percepções do leitor mesmo que de forma inconsciente e, de acordo com Edmond Couchot, Marie-Hélène Tramus e Michel Bret (no texto: “a segunda interatividade. Em direção a novas práticas artísticas”⁴³), o vídeo, por ser *hoje* uma linguagem digital, é necessariamente interativa em algum momento ou outro de sua existência. É a partir desses procedimentos inteligentes, sistemas internos, autônomos da mídia e do *meu lugar* no mundo, que dou um *start*.

⁴² Roberta Stubs in FACEBOOK < http://www.facebook.com/roberta.stubs?hc_location=stream >. Acesso em: 20 mai. 2013 às 10h20 aprox.

Roberta Stubs Parpinelli “possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2005), especialização em Saúde Mental e mestrado em História da Educação pela mesma instituição. Em processo de doutoramento em Arte, Gênero e Psicologia pela Unesp de Assis. Artista visual e Professora Universitária com experiência na área de psicologia, arte e gênero, com ênfase em processos de subjetivação na contemporaneidade e políticas inventivas da vida”. Texto extraído da currículo do SISTEMA DE CURRÍCULOS LATTES < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4734702A5> >. Acesso em: 10 jul. 2013.

⁴³ *In*: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte e vida no século XXI**: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 28.



na frutaria (há uma quadra do prédio onde moro; não a conhecia)



- 1. no jardim do meu prédio (por onde rodeio todos os dias)*
- 2. no quintal da construção do prédio na esquina de cima (procurava um buraco ou um lugar onde eu pudesse fazê-lo)*
- 3. árvore na rua do meu prédio (quase na esquina do mercado, onde ficam os vendedores do Jornal “Gazeta do Povo” aos fins de semana)*



- 1. na praça do Japão (conhecia já um pouco)*
- 2. a vista de frente do prédio 1 (estava nublado e as superfícies das coisas, úmidas)*
- 3. a vista de frente do prédio 2 (ponto de observação: calçada do prédio)*

O primeiro lugar que aparece, foi gravado numa frutaria onde fui comprar as frutas que eu precisava para fazer o vídeo. Foi lá mesmo que eu escolhi os outros corpos que eu iria plantar, filmar e fotografar. Paguei por eles e pude registrá-los ali mesmo. Moro há quatro anos no mesmo apartamento mas eu não conhecia essa Frutaria que fica a uma quadra da minha casa, é agradável e ainda o vendedor é simpático e atencioso. Achei quando saí para procurar as sutilezas que eu procurava para olhar através da lente da minha câmera. Presume-se que eu acabei de considerar a Frutaria uma sutileza. Num segundo momento, a busca era pelo buraco na terra onde eu pudesse plantar minhas frutas que eu havia acabado de comprar. Explorei a grama do jardim do meu prédio à busca de um bom lugar. Na esquina de cima da minha casa estão construindo um grande edifício, um prédio (entre tantos outros aqui na região). Ele está cercado por uma espécie de muro (digo espécie porque muro

para mim é feito com tijolo e aquele é de metal). Ao redor dele, tem um resto de grama com cara de envelhecida já, meio mal cuidada e, eis que no quintal do novo prédio em construção, encontrei um grande buraco que iria caber todas as frutas que eu havia levado para penetrá-las na terra: uma maçã (a primeira delas), uma mexirica, duas laranjas e uma banana. Plantei. As experimentei. Depois, não sei ao certo como as imagens e os sons dessa terceira coluna de lugares que mostrei acima se fundiram...

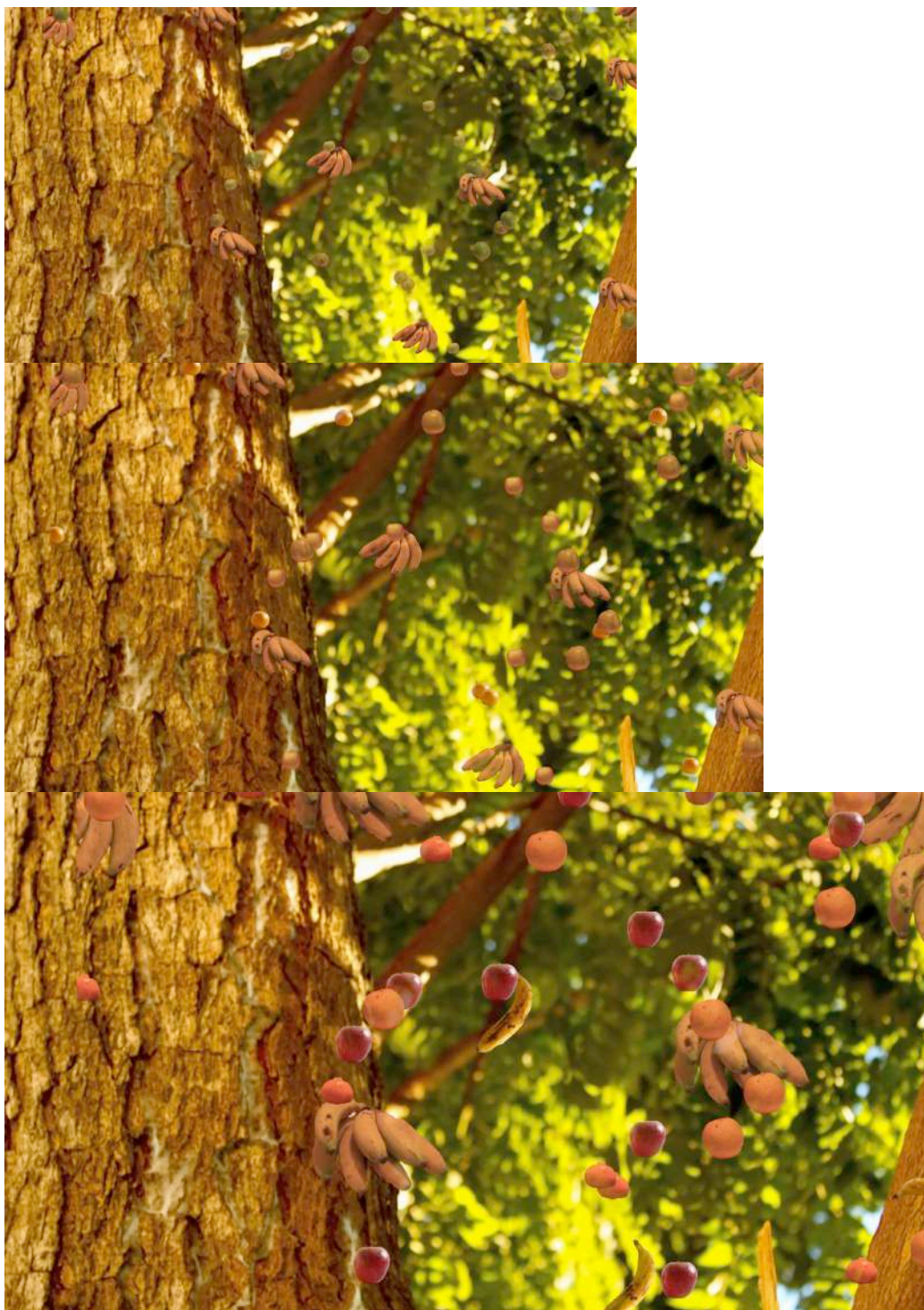
Primeiro indicador social: *Minha mãe mandou eu escolher este DAqui!*, “emprestado” de uma cultura específica que diz respeito à uma memória afetiva. *DAqui!* sugere um ritmo. A caixa alta da palavra indica caminhos possíveis de leitura. Ao pensar sobre uma frase que proliferarei por tantas vezes sem nunca ter pensado em seu significado, percebo mais uma vez que fui conduzida por essa minha cultura que preza a ordem, a verticalidade e incita a reprodução de valores, inibindo experimentações de *gestos* espontâneos – uma escolha imposta. Por outro lado, o título também sugere que a mãe manda escolher justamente aquilo que aponta o desvio da ordem, o “erro”⁴⁴, representado através das frutas (maçã, laranja, banana e mexirica).

A narrativa é uma sequência fragmentada. As frutas escolhidas, que representam significações do senso comum, criaram vida e flutuam (ainda que um cacho de bananas e uma mexirica estejam pela metade). As frutas mais maduras vão tomando o lugar das mais verdes sem perspectiva alguma sobre a copa de uma árvore. Os *corpos* mais salientes sobrepõe-se aos pequenos e as cores quentes às frias, caracterizando um processo natural das intempéries do tempo em relação à vida: germinação, desenvolvimento, nascimento, crescimento, amadurecimento e morte. Cada parte representa um processo de ação com *corpos* que vão de um lugar ao outro e à lugar algum ao mesmo tempo, interrompidas sempre pelo sujeito com rastros de diferenças num lugar que é o mesmo, observando “novos” pontos de vista. São corpos estáticos que condensam um tempo (ao repetir-se) mas também o atualiza (quando sobre si são colados rostos em diferentes momentos). Os recortes de paisagens, muitas vezes anexados com colagens também, tornam-se lugares singulares onde habitam essas espécies de vida. O quadro branco, que poderia ser apenas um vazio, indica uma ação que pode ser experimentada com vários sentidos⁴⁵, além da possibilidade de audição. Os elementos que

⁴⁴ *Nós cometemos erros, / é delicioso. / [...] / isso já aconteceu com todo mundo. / Nós cometemos erros, / É delicioso. / e isso faz bem.* (Trecho da música cantada pela Leopoldina em *Pepperminta*, coagindo os garçons que querem detê-los no restaurante. Minha tradução).

⁴⁵ Considerando todas as significações da palavra.

compõem o vídeo quase sempre aparecem frontalmente para o espectador (mesmo as frutas na árvore que poderiam requerer uma perspectiva), como se olhassem para ele. Nas fotografias em movimento, o sujeito (eu) olha para o espectador (olha para a câmera primeiro, mas depois olha para o espectador). O título, os gestos, o anel no dedo indicador (ou o dedo “fura bolo”), as animações, o som, destacam um pouco uma certa infantilidade apesar de não ser ingênuo por isso.



Me aproprio de estereótipos do senso comum para falar deles mesmos, relevando suas influências sociais e as experiências possíveis à partir deles. Mas invento o tempo e o desempenho dessas *coisas/corpos/gestos* que apresento em forma de frutas, árvore, grama, água, jardins, anel, expressões faciais, congelamento do corpo, a rua, os carros, os sons (respiração, frutas comidas, pássaros, água, trânsito). Esses *corpos/dados* das imagens de *Minha mãe mandou eu escolher este DAqui!*, são apresentados no intuito de oferecer uma reflexão sobre a sexualidade não exatamente em sua essência manifestada por seus processos biológicos, mas corpos, gêneros e sexualidades como construções sociais, que passam a ser naturalizadas à partir de um “adestramento”. Eu descontextualizo cada um desses *lugares/jardins* que *atuam* como um artifício social (assim como o ideal de corpo, a educação ideal e assim por diante) e faço deles um artifício puramente experimental e desnecessário.

... A árvore que aparece refletida na água, sem as frutas, se funde com os outros contextos naturais. Na sequência, aparecem poucas frutas sobre o jardim do prédio, ainda meio verdes, pouco comidas, com sinais de cortes com faca ou manipuladas, amassadas com as mãos, e guardadas no quintal do prédio de uma via rápida da cidade. Me dá às vezes a impressão de que até então não passava de um sonho e, numa súbita confusão de sonho – os recortes da paisagem – e de realidade – a paisagem que permite enxergar o horizonte –, é como se o sonho tivesse acabado. O horizonte sugere uma noção de lugar. Mas aquelas frutas verdes (que não haviam caído por amadurecimento ou podridão) descartadas sobre aquele jardim de passagem que ninguém pisa ou contempla, abrem caminho para outras reflexões sobre o tempo das coisas, o valor que elas têm e de onde vieram.



1.5) Conclusões

Desde 2011, Rist tem sido uma grande “aliada” para mim enquanto artista e estudiosa/pesquisadora das artes e, sem dúvida, as relações que proponho com a *História da sexualidade*, de Foucault, têm me proporcionado ótimas experiências/encontros e desdobramentos parciais para esta pesquisa vinculada ao Programa PIC-Embap. Minhas experiências com a pós-graduação em *História da Arte Moderna e Contemporânea* apuraram algumas percepções minhas tanto técnicas (do vídeo), quanto teóricas, filosóficas e sociais – diante das naturezas que me são dadas, seja por meio da educação, da família, do Estado, da igreja, dos livros de história da arte e teorias vizinhas, das imagens que são apresentadas como legítimas para uma noção de arte moderna, arte contemporânea e etc. Este projeto, por fim, contribuiu para um maior discernimento intelectual meu sobre as importâncias citadas.

Este trabalho foi aprovado para o CUBIC (Circuito Universitário da Bienal Internacional de Curitiba) para exposição a partir de setembro deste ano de 2013. O vídeo será mediado por um monitor de 42” e um fone de ouvido para que o espectador tenha acesso ao som. Como será um único fone, apenas uma pessoa por vez terá o acesso total ao trabalho, de maneira que seja possível que este espectador seja também observado pelos outros. Por outro lado, o espectador que estará conectado ao áudio poderá ser o *voyeur* do vídeo e seu entorno, com uma informação, um artifício, a mais.

2) Referências Bibliográficas

2.1) Livros/artigos citados

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

COUCHOT, Edmond; TRAMUS, Marie-Hélène; BRET, Michel. A segunda interatividade. Em direção a novas práticas artísticas. *In: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade***. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 27-38.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HARRISON, Charles. O ensino da arte conceitual. *In: **Arte & Ensaios** - Revista do Programa de Pós-Graduação em artes visuais EBA - UFRJ, 2003, p. 115-125.*

OWENS, Craig. O impulso alegórico: sobre uma teoria do pós-modernismo. *In: **Arte & Ensaios** - Revista do Programa de Pós-Graduação em artes visuais EBA - UFRJ, 2004, p. 115-125.*

SOLOMON, Alan. A nova arte. *In: BATTOCK, Gregory. **A nova arte**, SP, 1986, p. 225-239.*
STEINBERG, Leo. A arte contemporânea e a situação do seu público. *In: BATTOCK, Gregory. **A nova arte**, SP, 1986, p. 241-262.*

2.2) Livros/artigos consultados

ARANTES, Priscila. Panorama da ciberarte no Brasil. *In: LEÃO, Lucia (Org.). **O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias***. São Paulo: Editora Senac, 2005, p. 295-310.

ASCOTT, Roy. O futuro será úmido. *In: **Arte & Ensaios** - Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA / UFRJ, 2004, p. 164-173.*

_____. Quando a onça se deita com a ovelha: a arte com mídias úmidas e a cultura pós-biológica. *In: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade***. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 273-283.

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In: **O Rumor da Língua***. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 65-70.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

COUCHOT, Edmond. A arte pode ainda ser um relógio que adianta? O autor, a obra e o espectador na hora do tempo real. *In: DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias***. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 135-143.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE DUVE, Thierry. Kant depois de Duchamp. *In: Arte & Ensaios - Revista do Programa de Pós-Graduação em artes visuais EBA - UFRJ*, 1998, p. 125-152.

HANNAH VILLIGER e PIPILOTTI RIST. **22ª Bienal Internacional de São Paulo em 1994**, Suíça.

HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In: Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Trad. e organização Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009, p. 33-118.

KOSUTH, Joseph. A arte depois da filosofia. *In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs). Escritos de Artistas: anos 60/70*. [Trad. Pedro Sússekind... et al.]. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. Trad. Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEMONS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época. *In: _____; CUNHA, Paulo (Orgs). Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibercultura.pdf> << acessado em 20/04/2013 >>

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. 4.ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

_____ (Org.). **Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

MACEDO, Ana Gabriela. Mulheres, arte e poder: uma narrativa de contrapoder?. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 37. Brasília, janeiro-junho de 2011, p. 61-77.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____; FIORE, Quentin. **The medium is the message**. London: Penguin Books by Jerome Agel, 1967.

NETO, Artur Bispo dos Santos. **A interpretação alegórica do mundo na filosofia de Walter Benjamin**. Maceió: EdUFAL: 2007.

PACKER, Randall. O que é multimídia, de uma vez por todas. *In: LEÃO, Lucia (Org.). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Editora Senac, 2005, p. 101-108.

PARENTE, André. **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. Trad. Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

WALTHER, I. (Org). **Arte no século XX**. Lisboa: Taschen, 1999. v. 2, p. 577-619.

2.3) Sites

Centro de Psicologia Especializado em Medos (CPEM): site de instituição de consultório médico – psicologia. Disponível em: < <http://www.medos.com.br/medos-e-fobias/> >. Acesso em: 15 mai. 2013.

FACEBOOK (Roberta Stubs). Disponível em: < http://www.facebook.com/roberta.stubs?hc_location=stream >. Acesso em: 20 mai. 2013 às 10h20 aprox.

GLOBO.COM. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/comissao-de-direitos-humanos-aprova-autorizacao-para-cura-gay.html> >. Acesso em: 06 jun. 2013

_____. Disponível em: < <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/05/vereador-de-curitiba-quer-onibus-cor-de-rosa-exclusivo-para-mulheres.html> >. Acesso em: 02 ago. 2013.

_____. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/marcha-das-vadias-reune-mil-nas-praias-do-rio-e-vira-hit-em-rede-social.html> >. Acesso em: 28 jul. 2013.

GOOGLE IMAGES. Disponível em: < <http://www.google.com.br/search?q=manifestação+contra+aumento+da+passagem&biw=1281&bih=680&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=iB4ZUoTyLpSw4AOmsYGQBA&sqi=2&ved=0CD4QsAQ> >. Acesso em: 18 ago. 2013.

_____. Disponível em: < <http://www.google.com.br/search?q=manifestação+contra+marcos+feliciano&biw=1281&bih=680&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=5h0ZUraHFora8wTJ6IDoCw&ved=0CCwQsAQ> >. Acesso em: 18 ago. 2013.

HAUSER & WIRTH: < <http://www.hauserwirth.com/exhibitions/47/pipilotti-rist-london/view/> >. Acesso em: 6 out. 2012.

PEPPERMINTA. Disponível em: < http://www.pepperminta.ch/?page_id=2 >. Acesso em: 6 out. 2012.

PIPILOTTI RIST. Disponível em: < <http://www.pipilottirist.net/> >. Acesso em: 6 out. 2012.

SISTEMA DE CURRÍCULOS LATTES Roberta Stubs Parpinelli. Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4734702A5> >. Acesso em: 10 jul. 2013.

TERRA: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/acusado-de-homofobia-e-racismo-feliciano-semeia-polemicas-no-congresso,2f8de89a54bdd310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> >. Acesso em: 06 jun. 2013

THE MATCH FACTORY. Disponível em: < <http://www.the-match-factory.com/films/items/pepperminta.html> >. Acesso em: 15 nov. 2012.

2.4) Vídeos

Kwadrat (1972), Zbigniew Rybczynski. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=5TZwQVgyM7c> >. Acesso em: 04 ago. 2013.

Pepperminta (2009), Pipilotti Rist.

VIMEO: Pipilotti Rist. Disponível em: < <https://vimeo.com/search?q=pipilotti+rist> >. Acesso em: 15 nov. 2013.

VIMEO: *Minha mãe mandou eu escolher este DAqui!*. Disponível em: < <https://vimeo.com/search?q=pipilotti+rist> >. Acesso em: 15 nov. 2013.

2.5) Tv

CANAL 24: Debate MTV < homofobiaNÃO >. Acesso em: 18 mai. 2013, por volta das 14h.

3) Anexos

A

Vídeo aprovado para exposição pelo CUBIC (Circuito Universitário da Bienal Internacional de Curitiba, no período de setembro a outubro, no DeArtes (UFPR). Divulgação do resultado disponível no endereço eletrônico abaixo:

<http://www.bienaldecuitiba.com.br/noticias/detalhes/resultado-do-edital-de-selecao-do-cubic>

B

Comunicação oral durante o *IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA EMBAP*, realizado em 16 de agosto de 2013. Programação do evento disponível em: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/PIC/PIC2013/Evento_agosto.pdf